

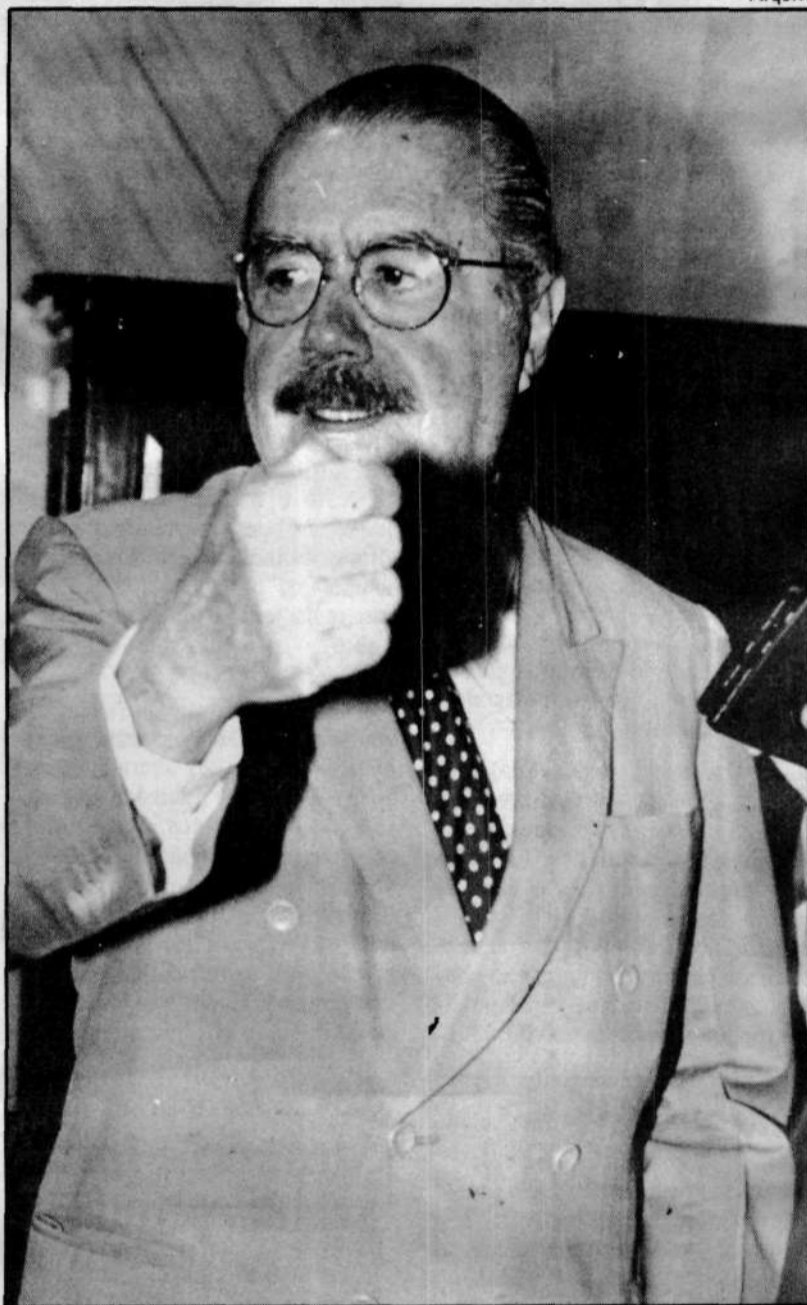
Sarney diz que o Governo erra ao tratá-lo como principal adversário

TARCÍSIO HOLANDA

O presidente do Senado, José Sarney, acha que o Governo comete um grande erro quando o encara como seu principal adversário. Em primeiro lugar, adverte Sarney, porque já foi presidente da República e não tem tanta ânsia em ser candidato, como alguns acreditam. Há vários outros aspirantes a candidatos a presidente da República, inclusive no PSDB, como o ex-governador Ciro Gomes e o governador Mário Covas, sem falar no ex-presidente Itamar Franco. Na intimidade, Sarney não descarta a hipótese de ser candidato, mas adverte, em conversas íntimas, que sua candidatura dependeria de muitas variáveis — e ele não se engana quanto a isso. Lamenta que o Governo não o veja como um aliado, ele que tem ajudado o processo de votação das reformas do presidente Fernando Henrique Cardoso, com convicção, mesmo porque tem consciência que elas são indispensáveis.

Outro erro que Sarney identifica no Governo: o de considerar que os dois novos grandes partidos do Congresso serão o PSDB e o PFL, não havendo espaço para o PMDB, que estaria sofrendo intenso processo de desagregação. "O PMDB não está se acabando como pensa o Governo", sustenta o ex-presidente. Ele lembra a seus interlocutores que o partido é o que tem as maiores e mais consistentes lideranças regionais da política brasileira, além de conservar-se como a legenda de maior carisma popular, conforme pesquisas que têm sido realizadas em diferentes pontos do País. É um erro, portanto, para o ex-presidente, julgar que o PMDB está condenado a se acabar por conta de divisões internas que existem em todos os partidos brasileiros.

Matriz — Ao se referir à tese de muitos governistas de que o PMDB está no fim, Sarney lembra de que, de seu ventre, surgiu a maioria dos partidos que existem no Brasil, inclusive e especialmente o PSDB. Apesar de todos os problemas que enfrentou desde a restauração do poder civil, de os seus candidatos a presidente da República (Ulysses Guimarães e Orestes Quércia, terem conquistado percentuais irrisórios de votos nas duas últimas eleições presidenciais, o partido conseguiu eleger oito governadores e as maiores bancadas na Câmara e no Senado nas eleições de 1994.



Sarney: "O PMDB não está acabando como pensa o Governo"

Esperar pelo fim do PMDB é um erro, porque as diferenças internas não terão condições de acabar com o partido. Nenhuma outra legenda consegue reunir em seu seio tantas lideranças regionais importantes. Sarney mesmo trata de enumerá-las, estado por estado: no Acre, os senadores Flaviano Melo e Nabor Júnior; no Amazonas, o ex-governador Gilberto Mestrinho; no Pará, o senador Jader Barbalho; no Maranhão e no Amapá, ele próprio, Sarney; no Piauí, o ex-governador Alberto Silva e o ex-governador Francisco de Assis Moraes Souza, o Mão Santa; no Ceará, o ex-senador Mauro Benevides e o deputado Paes de Andrade; no Rio Grande do Norte, a família Alves, Aluizio à frente; na Paraíba, os senadores Humberto Lucena e Ronaldo Cunha Lima; em Alagoas, o governador Divaldo Suruagy; em Sergipe, o ex-prefeito Jackson Barreto

e o ex-deputado José Carlos Teixeira; em Mato Grosso, o senador Carlos Bezerra; em Mato Grosso do Sul, o governador Wilson Martins e o senador Rames Tebet; na Bahia, o ex-governador Valdir Pires; no Espírito Santo, os Camata (senador Gerson Camata e deputada Rita Camata); no Rio de Janeiro, o ex-governador Moreira Franco; em Santa Catarina, deputado Luiz Henrique e o governador Paulo Affonso; no Paraná, o senador Roberto Requião; e no Rio Grande do Sul, os senadores Pedro Simon, José Fogaça e o governador Antônio Britto.

"Essas importantes lideranças regionais não saem do partido, que tem história e grande empatia popular. Não saem porque sabem que estariam cometendo suicídio político. Então, esperar pela liquidação do PMDB como grande partido, é um erro", diz o presidente do Senado.

Arquivo